

*Texto 1*

## *DEPOIS DO SOCIALISMO RELIGIOSO<sup>1</sup>*

NÃO FOI UMA MUDANÇA dramática de mentalidade a que experimentei durante a década passada – dificilmente pode-se esperar uma tal mudança aos sessentas anos de idade – mas lenta, muitas vezes inconsciente, mas sempre uma transformação efetiva em vários aspectos. Uma destas mudanças aconteceu tendo se passado já dez anos dos quinze que tenho vivido neste país, anos estes que foram, conseqüentemente, de uma

- 
1. Paul Tillich é geralmente considerado um dos excelentes e influentes pensadores do século XX. Após ensinar teologia e filosofia em várias universidades alemãs, foi para os Estados Unidos em 1933. Por muitos anos, foi professor de Teologia Filosófica no *Union Theological Seminary* na cidade de Nova York, em seguida, professor universitário na *Harvard University*. Seus livros incluem: *Systematic Theology* [Teologia Sistemática]; *The Courage to Be* [A Coragem de Ser]; *Dynamics of Faith* [Dinâmica da Fé]; *Love, Power and Justice* [Amor, Poder e Justiça]; *Morality and Beyond* [Moralidade e o além Dela]; e *Theology of Culture* [Teologia da Cultura]. Este artigo foi publicado no *Christian Century*, em 15 junho de 1949.

continua adaptação aos modos e pensamentos da América do Norte.

No verão de 1948, quando retornei a Alemanha pela primeira vez desde 1933, dei-me claramente conta do resultado da adaptação pela qual tenho passado. A mudança tem-se dado, antes de tudo, no meu modo de expressão. A língua inglesa tem agido sobre mim, o que meus amigos alemães e primeiros estudantes consideraram um milagre: ela me tornou inteligível. Nenhum anglicismo ocorreu nas inumeráveis falas que pronunciei, mas o espírito deste idioma dominou cada sentença – o espírito de clareza, sobriedade e concretude. Por si mesmo, ele forçou sua influência sobre mim, muitas vezes contra minhas inclinações naturais. Ele ensinou-me a evitar o acúmulo de substantivos, para o que o Alemão é propenso, e usar, em vez disso, verbos. Reprimiu as ambigüidades em que, por causa de sua origem na literatura mística medieval, a linguagem filosófica alemã tantas vezes favorece. Proibiu-me o uso de proposições logicamente não rigorosas ou incompletas. Afetava minha consciência quando eu permanecia por muito tempo em abstrações. Tudo isto foi muito bem recebido por minha audiência alemã e foi sentido como a mais impressionante mudança de minha mente.

Relatando, em Alemão, sobre o estado da teologia nos Estados Unidos da América, disse que a América do Norte, enquanto ainda seguindo o comando da Europa, em teologia histórica e sistemática, está na frente desta em matéria de ética. Posso dizer isto porque tenho me tornado mais e mais atento ao fato de que a ética é um elemento integral da teologia sistemática, e que tenho muito a aprender, tanto em matéria de ética social quanto individual, com o pensamento e a realidade americana. Em ética social, fui em parte preparado através do meu trabalho como um “socialista religioso” na Alemanha. Mas

só lentamente pude compreender a importância central que a ética social tem na teologia norte americana e chegar a apreciar o abundante e avançado tratamento que ela ali tem recebido.

Enquanto que em meus primeiros anos nos Estados Unidos fui surpreendido e afligido pelas tremendas ênfases postas sobre a questão do pacifismo – uma questão que me parece de menos importância e que é fruto, muitas vezes, do resultado de um pensamento confuso – presentemente descobri que todos os problemas teológicos estavam implícitos neste problema. Quando, por esta razão, nos anos anteriores, durante e depois da Segunda Guerra Mundial, a ideologia pacifista ficou abalada em um grande número de povos, pude entender que isto era indicação de uma nova atitude em direção à doutrina do homem e em direção à totalidade do cristianismo. E esta mudança na mente de outros me tornou mais fácil sentir-me em casa no trabalho teológico deste país.

Quando vim pela primeira vez para a América do Norte, em 1933, fui rotulado de “neo-ortodoxo” ou “neo-sobrenaturalista”. Isto certamente foi um erro, mas devo admitir que algumas de minhas antigas formas de expressão, diante de ouvintes americanos, poderia ter dado uma tal impressão. Minha tarefa nos anos trinta era apresentar, a meus estudantes e outros ouvintes, uma avaliação de minhas idéias teológicas, filosóficas e políticas como elas haviam sido desenvolvidas durante os anos críticos de 1914 a 1933. Trouxe comigo da Alemanha a “teologia da crise”, a “filosofia da existência” e o “socialismo religioso”, e tentei interpretá-los para meus alunos e ouvintes. Em todas estas três áreas – a teológica, a filosófica e a política – meu pensamento sofreu mudanças, em parte por causa de experiências e *insights* pessoais, em parte por causa das transformações sociais e culturais das quais estes anos foram testemunhas.

A mais óbvia das mudanças sobre o drama mundial é a política – a das incertezas dos anos trinta ao estabelecimento, nos anos quarenta, de um mundo dualisticamente dividido; e isto, na verdade, tanto quanto em ideologia. Enquanto antes da Segunda Guerra Mundial havia algum fundamento para a esperança de que o espírito socialista religioso, penetrando igualmente no Oriente e Ocidente, embora de diferentes maneiras, mitigasse o contraste e prevenisse o conflito entre eles, todavia, nos dias de hoje já não há nenhum fundamento para uma tal esperança. A expectativa que havíamos nutrido após a Primeira Guerra Mundial de que um *kairos*, uma “plenitude dos tempos”, estava perto, foi, por duas vezes, abalada; primeiro pela vitória do fascismo e, depois, pela situação subsequente de sua derrota militar.

Não tenho dúvida de que as concepções básicas do socialismo religioso são válidas, que elas apontam para um modo de vida político e cultural o qual só pode ser estabelecido pela Europa. Mas não estou certo de que a adoção dos princípios do socialismo religioso seja uma possibilidade em qualquer futuro previsível. Em vez de um criativo *kairos*, eu vejo um vazio que só pode se tornar criativo se for aceito, suportado e, rejeitando-se todos os tipos de soluções prematuras, transformado em um profundo “vácuo sagrado” de espera. Esta maneira de ver implica, naturalmente, uma redução de minha participação em atividades políticas. A mudança na minha maneira de pensar, nesta conexão, foi também influenciada pelo completo colapso de uma séria tentativa política que empreendi, durante a guerra, em construir uma ponte sobre a fenda entre o Oriente e o Ocidente com respeito à organização da Alemanha pós-guerra.

Tem sido dito que o repúdio às liberdades civis e aos direitos do homem, nos países de dominação comunista, significa a decepção que há com os liberais por todo o mundo. Isto é certamente verdade daqueles que têm mais ilusões do que as que minha compreensão socialista religiosa do homem sempre me permitiu acolher. Todavia, não se pode negar o fato de que este difundido repúdio aos direitos humanos exerce um efeito depressivo também sobre aqueles que, como eu mesmo, sem ser utópicos, viram o alvorecer de uma nova era criativa em um momento que, de fato, pressagiava uma mais profunda escuridão. Retornando agora à filosofia: o “existencialismo” há um longo tempo, antes de o nome tornar-se de uso geral, me era muito familiar. A leitura de Kierkegaard em meus anos de estudante, o estudo completo das últimas obras de Schelling, a apaixonada devoção por Nietzsche durante a Primeira Guerra Mundial, o encontro com Marx (especialmente com o Marx dos primeiros escritos filosóficos), e finalmente minhas próprias tentativas social-religiosas em uma interpretação existencial da história – tudo me preparou para a filosofia existencial mais recente tal como fora desenvolvida por Martin Heidegger, Jasper e Sartre. A despeito do fato de que o existencialismo tenha se tornado moda e sido perigosamente popularizado, tenho sido, em minhas convicções, confirmado tanto em relação a sua verdade básica quanto a sua adequação à nossa presente condição. A verdade básica desta filosofia, como eu a vejo, é sua percepção do aspecto “finito da liberdade” do homem, e, conseqüentemente, de sua situação como sempre arriscada, ambígua e trágica. O existencialismo atinge seu significado especial para o nosso tempo a partir do seu *insight* quanto ao imenso aumento em ansiedade, perigo e conflito produzidos na vida pessoal e social pela atual “estrutura destrutiva” dos afazeres humanos.

Sobre este ponto, a filosofia existencial tem se aliado à terapêutica, ou psicologia profunda. Somente no fim da última guerra e suas conseqüências, tem se tornado manifesto que patologia psíquica – a incapacidade de se usar criativamente a liberdade finita – é mais comum neste país do que qualquer outra enfermidade. Ao mesmo tempo, a psicologia profunda tem removido o que restou da visão de mundo mecanicista do século XIX, que ainda permanece, e tem chegado a entender as implicações sociológicas, ontológicas e mesmo teológicas de fenômenos como a ansiedade, culpa e neurose compulsiva. Fora desta nova cooperação entre ontologia e psicologia (inclusive a psicologia social) uma doutrina do homem tem sido desenvolvida, já tendo exercido considerável influência em todos os campos da cultura, especialmente na teologia.

Foi em parte sob esta influência que eu elaborei minha teologia sistemática (não tenho medo desta palavra) durante a década passada. O contínuo pensar acerca da possibilidade de união do poder religioso da chamada teologia neo-ortodoxa com o dever de toda teologia de dirigir-se à mente contemporânea resultou-me na concepção de um “método de correlação” – correlação, entre as questões existenciais e as respostas teológicas. A situação humana, como interpretada pela filosofia existencial, a psicologia e a sociologia que se relacionam a ela, coloca a questão; a revelação divina, como interpretada nos símbolos da teologia clássica, dá a resposta. A resposta, naturalmente, deve ser reinterpretada à luz da questão, da mesma forma que a questão deve ser formulada à luz da resposta.

Por este caminho, é o que me parece, é possível evitar dois erros contraditórios em teologia, o sobrenaturalismo e o naturalismo. O primeiro faz da revelação uma rocha que cai dentro da história para ser aceita obedientemente, sem preparação

ou adequação à natureza humana. O segundo substitui a revelação por uma estrutura de pensamento racional derivado da natureza humana e julgado por ela. O método de correlação, superando o conflito entre o sobrenaturalismo e o naturalismo, mostra um caminho fora do beco sem saída em que a discussão entre fundamentalismo ou neo-ortodoxia, por um lado, e humanismo teológico ou liberalismo, por outro, é mantida.

No curso desta tentativa mediadora, torna-se cada vez mais claro para mim que a realização da chamada teologia liberal tem de ser defendida com grande paixão religiosa, ética e científica; a saber, o direito e dever da crítica histórico-filológica da literatura bíblica sem qualquer apelo exceto à integridade da pesquisa e à honestidade científica. Qualquer interferência dogmática nesta obra nos levaria para dentro de novas ou velhas superstições – mitos e símbolos não compreendidos como mitos e símbolos – e, visto que isto não pode ser feito sem a inconsciente supressão da sonda da instrução, para o fanatismo. A força deste neo-biblicismo é óbvia na Europa continental, mas já pode ser sentida neste país também, e mesmo entre liberais à moda antiga.

Olhando para a década passada da minha vida, não vejo quaisquer mudanças dramáticas no meu pensamento, mas um lento desenvolvimento de minhas convicções na direção de uma maior clareza e certeza. Acima de tudo, tenho compreendido que poucas coisas, grandes e duráveis, são decisivas para a mente humana, e que apegar-se a elas é mais importante do que olhar para as mudanças dramáticas.

